

Dossiê Gêneros e Imagens vol. 2

Apresentação

Barbara **Copque**¹
Fabiene **Gama**²
Fernanda **Rechenberg**³

O segundo volume do Dossiê Gêneros e Imagens vem a complementar os debates apresentados no primeiro e, assim como o anterior, apresenta reflexões de autoras e autores de diversas áreas e instituições do país. Os artigos aqui reunidos têm em comum a análise das representações e performances generificadas em diferentes linguagens e suas repercussões éticas, estéticas e políticas. A fotografia e o cinema em seus diferentes gêneros narrativos, as atuais séries de plataforma streaming, a literatura, os entrecruzamentos autobiográficos nas produções audiovisuais e teatrais, a ressemantização dos corpos e a violência generificada inerente aos mapas coloniais são alguns dos temas enfocados nos artigos deste volume.

As análises e experimentações com as imagens são abordadas a partir de seus entrelaçamentos com experiências de gênero e sexualidade, em especial a partir da crítica à heteronormatividade e à corponormatividade. A crítica aparece em temas como a sexualidade de lésbicas, a gordofobia, o envelhecimento, a violência sexual, a reconfiguração semiótica do corpo anatômico e outros. Performances de masculinidade e de feminilidade são temas recorrentes nos textos deste volume, e apontam tanto para o conceito de performatividade de Butler (2003), como para os mecanismos de produção do sistema heterossexual que funciona como dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade (Preciado, 2014). O conceito de masculinidade hegemônica, tal como analisado por Connell e Messerschmidt (2013), também é uma referência presente no pano de fundo de muitos dos estudos aqui reunidos.

Abrimos este volume com o artigo de Rosamaria Giatti Carneiro intitulado “Útera, Arte e Efeito Geracional: pedaços de mulheres e pertença familiar”. Mostrando a

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: barbara.copque@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5258-1439>

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: fabiene.gama@ufrgs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9152-0903>

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: fernanda.rechenberg@ufrgs.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2793-8333>

relevância das sensibilidades artísticas na abordagem das relações entre mulheres de uma mesma família, especialmente entre mães e filhas, o artigo revisita as imagens dos projetos “Útera” da fotógrafa chilena Catalina Juger e “My Birth” da artista visual americana Carmen Winant. Para a autora, tais imagens desestabilizam a própria ideia de “geração”, nos provocando a pensar sobre a ideia de *efeito geracional* (Attias-Donfut, 2004). Provocando os debates antropológicos sobre famílias e mulheres, a autora se inspira no longa-metragem de Kata Weber, “Pieces of Woman” (2020), para amplificar as reflexões sobre gerações, corpo, continuidades e descontinuidades de visões de mundo.

O filme “Maurice” (1987) é o fio condutor da análise de Daniel de Andrade Lima no artigo “Coreografias e regulações de gênero do cinema: gestos modernos em Maurice e outros filmes”. Explorando as coreografias sociais e de gênero nos filmes de época, Lima discute as regulações de gênero expressas na coreografia e gestualidade dos filmes, sobretudo na construção da homossexualidade masculina moderna. Através de suas reflexões, percebemos como os filmes de época possuem um ambíguo potencial de gerar fascínio e estranhamento por gestos da branquitude. A atenção aos gestos e coreografias proposta pelo autor nos ajuda a compreender técnicas e artifícios nos quais se assentam determinadas masculinidades.

Agnes de Sousa Arruda e Vanessa Heidemann enfocam os discursos de gênero nas produções midiáticas, em “Lésbica gorda não performa feminilidade: um estudo a partir de Orange Is The New Black”, mais especificamente, a lesbogordofobia expressa na representação dos corpos das mulheres gordas e lésbicas. Ao analisarem o processo de construção de estereótipos na série, as autoras revelam camadas de complexidade exploradas nas performances de feminilidade nas produções midiáticas. Segundo o argumento das autoras, “Orange Is The New Black” e outras séries que abordam temas LGBTQIA+ mostram, nas representações de gênero, que a performance lésbica de mulheres gordas é recorrentemente masculinizada.

Seguindo as análises de performance de gênero nas produções audiovisuais, Andressa Thielly Machado Silveira da Silva e Tiago Ricciardi Correa Lopes abordam o curta-metragem “Pink or Blue” (2017), obra de videoarte resultante da parceria entre o diretor Jake Dypka e a poeta Hollie McNish. No artigo “Performance de gênero e videoarte no curta Pink or Blue”, Silva e Lopes analisam elementos técnicos e estéticos do curta, entre eles o efeito de montagem em referência ao conceito de *montagem espacial*, de Lev Manovich (2000), mostrando como, no curta-metragem, tais

procedimentos amplificam o debate em torno da performance de feminilidade e masculinidade.

Já o artigo “Diadorim-Menino: Transgeneridade e imagem mitopoética em Grande Sertão: Veredas”, de Leandro Bessa, direciona nosso olhar às representações de transgeneridade na literatura. Bessa explora as contradições inultrapassáveis de Diadorim na grandiosa obra de João Guimarães Rosa, à luz do conceito de *imagem dialética* de Walter Benjamin. Orientado por um paradigma trans, o artigo indaga acerca das variações possíveis da transgeneridade em Diadorim, as linhas de tensão que balizam tal sexualidade e suas diferentes formas de aparição, considerando ainda, a dimensão mitopoética que envolve a personagem na obra. Para o autor, a *imagem dialética* de Diadorim instaura a ruptura de um regime heteronormativo e compõe um princípio de indeterminação que acompanha todo o romance.

No artigo “Performatividades de mulheres trans em vídeos mais acessados da pornografia brasileira: pedagogias sexuais”, Eduardo Machado Dias, Francis Deon Kich e Priscila Pavan Detoni refletem sobre as pedagogias sexuais acionadas nos filmes pornográficos, especificamente em torno das abordagens sobre a transexualidade. Em suas análises, os filmes pornográficos, enquanto artefatos culturais, promovem certas pedagogias sobre a sexualidade, sobretudo nas performances de gênero que têm lugar nos encontros sexuais de tais filmes. Nesta perspectiva, o artigo sustenta que os filmes promovem a reiteração da performatividade de gênero, enquadrando os corpos em estereótipos feminino e masculino. Essa questão é particularmente relevante se considerarmos o paradoxo que se encontra o Brasil em relação à transexualidade: é o país que mais mata transexuais e também o maior consumidor mundial de pornografia com mulheres travestis e transexuais.

O celebrado filme “A febre do rato”, de Cláudio Assis, é o objeto de análise central de Gabriel Faccini em “Teto, anarquia e sexo: Representações da masculinidade em A Febre do Rato”. O filme, considerado um manifesto audiovisual, é ambientado nas margens do Rio Capibaribe, na periferia do Recife. No artigo, Faccini busca compreender como o filme articula diferentes aspectos das identidades masculinas para construir a caracterização do protagonista Zizo. O artigo mostra as complexidades nas representações da masculinidade, considerando que o protagonista, constestador do regime hétero-patriarcal e apresentado como desviante de uma corporalidade masculina hegemônica,

reproduz o enredo do herói que performa sua verve romântica através de manipulação, perseguição e coerção da mulher desejada.

Gabriela Ribeiro e Marília Xavier de Lima focam a obra da cineasta experimental, feminista e lésbica Barbara Hammer em “Barbara Hammer: por uma identidade lésbica em suas obras dos anos 1970”. O artigo apresenta uma análise da primeira fase da obra da cineasta, na década de 1970, trazendo uma contribuição importante para o reconhecimento da versatilidade, irreverência e impulso vanguardista de Hammer.

O tema da violência colonial aparece em “Mapas, fotografias, territórios e corpos: refletindo sobre violência a partir dos estudos de gênero”. No artigo, Paloma Cassari e Juliana Farias exploram a análise imagética que Anne McClintock realiza sobre o mapa retratado em “As minas do rei Salomão”, evidenciando as sobreposições de territórios e corpos mas sobretudo, as conexões políticas próprias dos processos de generificação de territórios e da territorialização de violências de gênero. Esta análise conduz as autoras a discutirem mais amplamente os desafios que cercam as atuações acadêmicas feministas e antirracistas, experimentando a proposta analítica de McClintock em sobreposições projetadas com o mapa e o corpo, em um diálogo com a fotografia e as artes visuais.

No artigo "Performatividade da imagem e ressemantização do ânus: a performance da cuceta e a autenticidade de gênero", Gleiton Matheus Bonfante e Clarissa Gonzalez refletem sobre as possibilidades de reconfigurações semióticas do corpo anatômico a partir da performatividade de uma sequência de imagens compartilhadas em um grupo de WhatsApp. Para Bonfante e Gonzalez, tais imagens da chamada "cuceta" ressemantizam o ânus masculino como um órgão feminino e desestabilizam o sistema de classificação de gênero baseado no corpo.

Este volume traz ainda dois trabalhos na seção Relatos de Campo. Em “Ancestral”, Julia Francisco e Thaianie Barbosa trazem o delicado tema da violência familiar na forma de um diário de uma peça teatral autobiográfica que performa a violência, a dor e o luto. A partir de uma série de entrevistas com seus familiares, Julia Francisco recompõe fragmentos de narrativas de violência, por muitos anos obliteradas em lacunas e silêncios no convívio familiar. As fotografias dos ensaios, realizados em uma periferia parisiense, acompanham o texto como mais um recurso na interpretação da dor, da violência e resistência das mulheres.

Já “A imagem na parede: presenças da fotografia como afirmação e insurgência por famílias empobrecidas na depressão norte-americana dos anos 1930”, de Luis Mauro Sá

Martino e Angela Cristina Salgueiro Marques, aborda o trabalho fotográfico implementado pela *Farm Security Administration* (FSA) entre 1937 e 1946 nos Estados Unidos. A partir da análise de quarenta fotos produzidas no âmbito da agência, Martino e Marques enfocam os regimes de visibilidade e suas elaborações como discursos de identidade, formas de vida e insurgência diante das condições dadas. Para tanto, apresentam 14 imagens reunidas em 3 eixos de experiências ou categorias de análise.

Finalizando este volume, a seção Ensaios Fotográficos apresenta o trabalho de Marielen Baldissera, intitulado “Mulheres que lutam: mensagens feministas desenhadas em preto, branco e vermelho”. A partir de fotografias de intervenções urbanas feministas registradas para sua pesquisa de doutorado, a artista realiza as colagens e desenhos que posteriormente viram lambe-lambes a serem colados nas ruas de Porto Alegre, cidade em que vive. No ensaio produzido, Baldissera reflete sobre o processo de elaboração das imagens assim como sobre alguns desdobramentos poéticos dessas reflexões teóricas transformadas em imagens.

REFERÊNCIAS

ATTIAS-DONFUT Claudine. Sexo e envelhecimento. In: Peixoto, Clarice E. (org.) Família e envelhecimento. Rio de Janeiro: FGV; 2004, p. 85-10

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista de Estudos Feministas*, v. 21 n. 1, 2013.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2014.